

João Anzanello Carrascoza

Os dois

Não compreendi naquele tempo — eu menino — o mundo íntimo deles, do pai e da mãe, quando éramos, então, seis lá em casa. Até mesmo eu, o caçula, percebia como os dois trocavam, um com o outro, o sim pelo não. Como, mansos num instante, desigualavam-se com virulência noutro.

Nada acontecia de grande naqueles nossos dias. Era o comum, em vilarejos. Amanhecia: a gente ia à escola, o pai à venda e a mãe às tarefas domésticas — e tantas havia, que a cada um dos filhos cabiam muitas: Gisa ajudava na cozinha e na limpeza dos banheiros; Tati varria e encerava o assoalho da sala e dos quartos; Luiz botava o lixo na rua e ajudava o pai na venda; e eu, eu fazia o que convinha ao meu tamanho (umas brincadeiras).

Um e um, e todos, vivíamos lá as nossas aprendizagens, solitários ou, às vezes, misturados: Tati e Luiz costumavam assistir tevê juntos — eram fãs dos mesmos programas —, Gisa me ensinava a lição na mesa da copa, enquanto o pai e a mãe falavam na cozinha de assuntos maiores — no futuro, eu iria descobrir quais eram e a sua enganosa dimensão —, e, ainda assim, ficavam de olho em nós, seu entorno.

Então, de repente, a voz da mãe, baixa e de carícias, se elevava e, logo, a do pai, grave e mineral, se sobrepunha à dela, para, a seguir, ser solapada por um grito da mãe. E, aí, as palavras rilhavam o ar, ricocheteavam pelas paredes, emaranhavam-se, até que o som seco de um murro na mesa, ou de um prato a se estilhaçar no chão, ecoava — a mãe passava correndo pela sala, os olhos enevoados, e se enfiava no quarto; o pai saía para os fundos, onde ficava, em meio à fumaça do cigarro, esbravejando contra a sombra das árvores.

Esses episódios se repetiam, com pequenas variantes: uma risada provocativa ressoava e, em seguida, uma xícara se quebrava; um cantarolar da mãe e, em resposta, um impropério do pai. Nada podíamos fazer, senão nos condoer, num mutismo cúmplice, e, vendo-os, no dia seguinte, conversando alegremente, só nos restava esquecer o ocorrido e desfrutar da nossa precária calmaria.

Eu não entendia o funcionamento do universo, embora meu olhar não se concentrasse somente numa fração ínfima de sua engrenagem — antes de dormir, ficava a pensar na imensa máquina do destino e suas infinitas combinações. Tinha poucos amigos e quase não frequentava suas casas, via a mãe de um aqui, o pai de outro ali, mas nunca ambos juntos, esse contando àquele as vivências de seu dia, o homem a abraçar a mulher, ou os dois em ruidoso desacordo, de forma que não me sentia nem triste (quando presenciava as cenas de conflito entre meus pais), nem feliz (quando os surpreendia de mãos dadas, em harmonia). Sem a consciência de agora, eu sentia apenas que estava vivo — e viver era aquilo, aceitar simplesmente o que me acontecia, fosse dor ou contentamento. Até porque Gisa e Luiz, mais velhos, não aparentavam inquietação nem receio com a imprevisibilidade daquelas marés. Estavam habituados a elas e, imagino, convictos de que não havia maneira de prever os próximos confrontos, nem um alarme capaz de nos alertar a sua iminência.

Assim seguíamos, cada um voltado para as suas miudezas, que, às vezes, eram também as dos outros, a viver a sua história pessoal, tão colada à da família, nós todos essenciais para nós, embora para a cidade fôssemos apenas meia dúzia de habitantes, e, para o mundo, gente anônima, dados, números. Ignorávamos, flagrando a mãe deitada no sofá, o pai a acariciar os cabelos dela, que ambos estavam ali, em verdade, mais próximos de uma nova explosão.

E esse dia, de transbordamento, chegou, desprendendo-se, irremediável, de um futuro que poderia ser outro, mas não foi. Fazia um calor de amolecer, o pai e a mãe estavam na varanda, num namoro de sussurros, e, então, as vozes começaram a se alterar, e, numa escalada rumo ao topo, em segundos chegaram lá. Os barulhos nos surpreenderam, pelo ineditismo. Primeiro, um copo se espatifou, e logo outro, depois algo que pareceu um vaso. Em seguida — susto maior — o som de um soco. Dois. Três. Um uivo da mãe e seu choro lancinante esfaqueou o ar.

Corremos até os dois, mais para ver do que intervir, e quase fomos atropelados por ela, que entrou em casa soluçando e se fechou no banheiro. O pai atravessou a rua, sob o sol fulminante da tarde, deixando às suas costas o portão escancarado. Na varanda, cadeiras caídas, terra dos vasos esparramada, estilhaços de vidro — a ordem em cacos. Ao comando de Tati, fomos botando tudo no lugar, iniciando, então, uma rotina de apagamento imediato dos vestígios. Como se, assim, a vida se normalizasse e o sossego familiar, ferido, cicatrizasse mais depressa.

Na manhã seguinte, a mãe apareceu de óculos escuros — para ocultar o hematoma no olho — e se manteve em casa o dia inteiro. A pedido dela, Luiz foi à farmácia buscar uma pomada. O pai dormiu duas noites no sofá. Mas, na terceira, quando assistíamos à novela, os dois já se sorriam; e, se por um lado, esses sorrisos reduziram a minha aflição, por outro me doeram como ofensa. A mãe, ao me dar boa-noite, talvez desconfiada que, à diferença de meus irmãos, eu não entendera que devia ficar calado, murmurou em meu ouvido, mais como súplica do que ameaça, Querido, não conte nada pra sua avó.

E, claro, no almoço de domingo, a avó estranhou que a mãe, na hora de arrumar a cama de casal, tivesse tropeçado na colcha e batido o rosto na cabeceira. Mas não insistiu nos detalhes, que desmentiriam aquela versão. A avó — hoje entendo — sabia que as farsas se desfazem por si mesmas. Tio Beto, então, colocou uma música no aparelho de som, o pai e a mãe se puseram a dançar, a gente ria com o jeito divertido deles.

Mas a correnteza dos dias mostrou que tinham apenas saído da superfície das desavenças e, dali em diante, tocariam o seu fundo: um fundo nodoso, de pedras cortantes.

Passamos semanas gozando de uma milagrosa bem-aventurança, esquecidos de que, se a placidez estava graus acima de nós, de súbito o seu reverso podia eclodir do nada e, instantaneamente, dilacerá-la.

Assim se deu naquele sábado, à noite, todos ao redor das pizzas, para pegar, em etapas, os seus dois ou três pedaços, o pai à ponta da mesa, a mãe no comando, cortando e dispondo as fatias nos pratos, e, nós, entregues à ávida degustação, nem percebemos quem atirou a primeira palavra-fósforo, só as seguintes, que estalaram como pólvora, tanto as do pai quanto as da mãe — e eis que, de súbito, os dois, à nossa frente, já se agrediam feito inimigos.

Ainda que não orquestrados, tentamos separá-los, Luiz e Gisa, com as mãos em prece, implorando, Pai, pai, não bate nela, Tati a um canto, berrando para que o universo a ouvisse, Para, para, para, e eu, abraçando-me à mãe, na tentativa de protegê-la, chorava por dentro, ensopado até a raiz pelo ódio. A consciência, então, golpeou invisivelmente o pai — ele freou a fúria. E a mãe só perdeu dois dentes.

A partir dali, a tensão irrompia quando o pai, ao entardecer, chegava da venda, eu sentia a respiração acelerada da mãe e o seu hálito tépido à minha nuca naquelas noites em que ela dormiu comigo. Angustiava-me que outros confrontos pudessem acontecer a qualquer hora e me esforçava para compreender os motivos de seu disparo. Mas a lógica dos afetos era maior que o meu entendimento. O avanço do tempo colocava os dois, outra vez, de mãos dadas. Na festa de aniversário do pai, era explícita a felicidade da mãe (os dentes implantados cintilavam), ela produzia no ventre um novo irmão para nós. Eu ignorava o que sentia quando a surpreendia beijando o pai diante dos outros, se vergonha ou orgulho deles.

Vieram outros episódios, similares, mais fracos para a minha memória — talvez não para o corpo da mãe —, e esses foram espaçados. Assim, no meio daqueles sustos, fomos crescendo, e, arrastados por outras aflições, às vezes por umas alegrias, nem desconfiamos que o destino, com seu periódico ajuste de contas, estava preenchendo uma nova fatura.

Até que deu o que se deu, o fato maior — porque, a mãe, daquela vez, acabou revivendo: atirou no pai faca, panela, prato, tudo o que estava à mão. E se não fosse seu Cido, o vizinho, ter corrido para separá-los, não sei como teria terminado aquela briga. Sei que, depois, o tio Beto quis nos levar pra casa da avó, mas a mãe não deixou. Com o bebê no colo, ela dizia, Esta é a minha casa! Vamos ficar aqui! O pai foi quem saiu por uns dias. Mas uma noite retornou. Lembro bem, nós todos na sala, ele no sofá ao lado da mãe, cabisbaixo, os olhos no assoalho, como se pedindo a ela, silenciosamente, perdão.

Sobreveio um tempo (longo) de trégua, capaz de quase ocultar aquelas marcas que, em mim pelo menos, haviam se aderido como traços que delineiam a nossa face, nos distinguem dos outros e, sobretudo, nos dão a certeza, diante do espelho, de sermos, de fato, quem somos. Nesse período, Luiz se afundou nos estudos, eu o substituí na venda, onde fui descobrindo que o pai era também doce e paciente na sua outra metade. Fiquei confuso com a vastidão dessa verdade, não obstante ela se revelasse aos poucos, na toada do dia a dia, um raio por vez e, de repente, aquele imenso sol. Eu era imaturo para a compaixão. Eu resistia em amar o pai, para não sacrificar o meu amor pela mãe. Eu estava aprendendo a ser maior, não era mais só ignorância, eu já admitia o que havia visto e sentia o mundo não mais (apenas) pela dor dos meus machucados.

Então, quando eu estancara a hemorragia das dúvidas e as cenas, lembradas, não me feriam tanto, aqueles homens, vindos de São Paulo, resolveram entrar na cidade. Nem eu nem o Luiz estávamos na venda naquela tarde. Seu Cido, que conversava com o pai no balcão, disse que ele não reagiu, não fez nenhum movimento, só abriu o caixa e pegou o dinheiro. Mesmo assim, os homens atiraram. Porque o pai estava ali. O pai existia para eles como existe um caminho.

Depois, eu nunca mais vi a mãe sorrir daquele jeito, os dentes faiscando. Nem quando nasceu o filho de Gisa, primeiro neto que ela tanto esperava e que a obrigaria a exercer novamente, e com intensidade, o seu amor. Nesses anos todos, nunca disse a ela o que eu gostaria de dizer, e jamais poderei um dia dizer ao pai, que se foi naquela tarde, quando eu não sabia ainda o que hoje sei.

Eu os vejo, agora misturados, nessa casa da infância, que reconstruo na memória, a mãe atrás dos óculos escuros e de sua cota de culpa, e o pai no sofá ao lado dela, cabisbaixo, os olhos no assoalho, a pedir-lhe, silenciosamente, perdão.